
Gênero, classe e raça na televisão brasileira: uma análise das telenovelas “A cabana do Pai Tomás” e “Xica da Silva” a partir da hermenêutica feminista¹

Dayane Meira dos SANTOS²

Cristian CIPRIANI³

Centro Universitário Univel, Cascavel, PR

RESUMO

Quando se trata de analisar a sociedade brasileira, em qualquer de suas manifestações, faz-se necessário atentar para as categorias de gênero, classe e raça. Essas categorias são importantes para se apreender a relação simbiótica e estrutural da exploração existente em nosso país. Em vista disso, o objetivo deste texto é analisar, por vias da hermenêutica feminista, como as telenovelas nacionais estereotipam as mulheres negras. Para tanto, debate-se, primeiramente, os conceitos de gênero, classe e raça. Na sequência, apresenta-se os princípios da hermenêutica feminista. Como objeto de análise foram escolhidas as produções “A cabana do Pai Tomás” e “Xica da Silva”. Sem o intuito de esgotar o tema, conclui-se o texto apontando que existe, ao longo da história das produções midiáticas nacionais, traços marcados de racismo e sexismo ancorados nos pressupostos de classe que definem a história do ser nacional.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero; Classe; Raça; Hermenêutica Feminista; Telenovelas.

INTRODUÇÃO

O Brasil é um país estruturalmente alicerçado em crenças e valores que prestigiam grupos étnicos de cultura branca em detrimento de outros, calcados, principalmente, em pressupostos eurocêntricos, os quais são refletidos no comportamento em que a sociedade, como um todo, adota. Desta forma, esse comportamento escancara modos de exclusão de todos os tipos, tal como àqueles voltados acerca do gênero, classe e raça. A teledramaturgia, especialmente a teledramaturgia brasileira, por ser constituída de

¹ Trabalho apresentado no IJ04 – Comunicação Audiovisual da Intercom Júnior – XVII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Graduanda do 8º em Publicidade e Propaganda no Centro Universitário Univel, e-mail: dayanemeira00@gmail.com.

³ Doutor em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS e bacharel em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda. Docente da área de Comunicação e Design do Centro Universitário Univel, e-mail: cristian.cipriani@univel.br.

diálogos que remetem a realidade das ações das personagens, acaba por reiterar, em suas produções, às exclusões evidentes na sociedade brasileira.

As telenovelas, presentes nas televisões da população brasileira desde 1951, cativam, até os dias de hoje e com audiência diária, milhões de espectadores. No entanto, mesmo que a diferença entre o início de suas apresentações e a atualidade seja expressiva, não houve adaptações significativas das ações e, conseqüentemente, dos papéis das personagens envolvidas nas tramas, que não evidenciasse os estereótipos das mulheres negras na sociedade. Desta forma, este texto tem como objetivo analisar, por vias da hermenêutica feminista, como as telenovelas nacionais estereotipam as mulheres negras.

1. GÊNERO, CLASSE E RAÇA

Gênero, classe e raça são três eixos estruturantes que construíram nossa história e influenciam, sobremaneira, na formação da sociedade atual. No século XVI a Coroa Portuguesa, um dos impérios europeus que vieram às Américas para implantar colônias de exploração, instituiu a escravidão no Brasil como forma de trabalho, no qual o critério para exploração de mão de obra para a escravização era definido pela cor da pele e era legalmente instituído, de maneira que:

O tráfico negreiro trouxe para o Brasil milhões de africanos, na condição de escravos. Eles rasgaram as matas, lavraram o solo e fizeram a colheita dos produtos tropicais exportáveis; trabalharam nas minas, nos engenhos, nos portos e nas casas. (NINA, 2010. p.63)

Outra característica de exploração marcante faz alusão ao modelo de formação dominante do homem sobre a mulher, em que a figura do primeiro traz notoriedade na sociedade patriarcal, principalmente quando branco e europeu e de classe elevada:

as definições vigentes de neutralidade, objetividade, racionalidade e universalidade da ciência, na verdade, frequentemente incorporam a visão do mundo das pessoas que criaram essa ciência: homens – os machos – ocidentais, membros das classes dominantes” (LOWY, 2009, p. 40 apud HIRATA, 2014, p. 61-62).

Existem inúmeras definições distintas e diversos significados sobre o que é gênero. Ferreira (1986, p.844) define o termo do ponto de vista gramatical, de modo que descreve gênero como: "categoria que indica, por meio de desinências, uma divisão dos nomes baseada em critérios, tais como sexo e associações psicológicas", ou seja, na visão

de Ferreira, gênero nada mais é do que uma construção social atribuída aos sexos constituídos biologicamente, em que divide os seres humanos de forma dicotômica:

gênero é um elemento constitutivo das relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos [...] o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder (SCOTT, 1995, p.86).

Outra definição de gênero, verificada no dicionário brasileiro Michaelis, que possui atribuição de seu significado desde o final do século XIX, também alude a dicotomia homem e mulher, estabelecida já por Ferreira. Desta forma, é possível identificar a construção social sobre a língua existente, já que, em definição neste dicionário, o homem é um ser: Homem dotado de atributos considerados másculos, como coragem, determinação, força física e vigor sexual. (MICHAELIS, 2020).

Já, quando conceitua o termo mulher, a conotação que o dicionário Michaelis, (MICHAELIS, 2020) apresenta é: “Pessoa do sexo feminino, de classe social menos favorecida, em oposição a senhora”, ou, ainda “Aquela com quem se tem uma relação romântica ou de caráter meramente sexual; namorada”; “O ser humano do sexo feminino que apresenta características consideradas próprias do seu sexo, como delicadeza, carinho, sensibilidade”; “Indivíduo homossexual que em uma relação sexual tem atuação passiva”. É possível perceber, assim, que às denominações voltadas para o termo mulher possuem conotações depreciativas e, por vezes, pejorativas e difamatórias sobre o gênero em si. Desse modo

Esses conceitos estão expressos nas doutrinas religiosas, educativas, científicas, políticas ou jurídicas e tomam a forma típica de uma oposição binária fixa que afirma de maneira categórica e inequívoca o significado do homem e da mulher, do masculino e do feminino (SCOTT, 1995, p. 86).

Pensando em um processo interseccional entre os temas, chega-se à classe social. Essa, por sua vez, possui diversos conceitos que abarcam variadas abordagens teóricas, tais como às de Marx, Weber, Gramsci e outros. Essas abordagens contribuem na compreensão acerca dos processos envolvidos na desigualdade social das classes. De acordo com BARATA et al (2013), o conceito de classe social foi definido, primeiramente, pelo sociólogo e filósofo Karl Marx, que a tratava a partir da divisão social do trabalho, de acordo com a dominação e exploração da mão de obra. Para o mesmo autor, a sociedade era dividida em: i) donos dos meios de produção, detentores

do lucro gerado pela exploração do trabalho alheio e os ii) proletários, responsáveis pela fabricação e beneficiamento dos produtos que geram lucros para os donos dos meios de produção. Ambos estabelecem, nesse sentido, um vínculo de dependência que fundamenta as relações de classe. Para Max Weber, as classes, além de se identificarem pela divisão de trabalho no mercado, são também estabelecidas pela diferenciação de cada indivíduo sobre o seu gênero, cor ou idade, de forma que essas características serão responsáveis pela construção de seu status na sociedade. Assim, ele as divide em quatro categorias de classes distintas encarregadas a definir a hierarquia de status e a estrutura social, determinantes para as oportunidades econômicas e sociais de cada indivíduo dentro de determinada classe⁴.

Todas as abordagens acerca da temática são úteis para analisar o conceito de classe social e explicam, de certa forma, como as desigualdades sociais são geradas e imputadas na sociedade. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), as classes sociais no Brasil são estipuladas a partir da renda financeira e com base em determinantes sociais, no qual podem-se explicar as desigualdades existentes.

Na mesma linha de raciocínio de interseccionalidade trabalhada acima, o termo raça aparece. Esse termo, assim como classe e gênero, possui numerosas explicações acerca de sua definição. O surgimento da palavra raça, em Santos et. al (2010), é tido em 1684, por François Bernier, que denomina ser: “Nova divisão da terra pelas diferentes espécies ou raças que a habitam”⁵. Hoje, entende-se que a palavra raça é considerada um termo de uso histórico e ultrapassado, que, inicialmente, fazia referência ao âmbito biológico dos seres humanos e era utilizado para privilegiar alguns grupos étnicos em detrimento de outros, por meio das características físicas repassadas aos seres por herança genética e, por consequência, definia a distinção das demais categorias humanas socialmente definidas. As heranças físicas, por sua vez, são determinadas pelas características: cor de pele, tipo de cabelo, dissemelhanças faciais, tais como formato do nariz e estilo da pálpebra, ancestralidade e genética.

Esses saberes acerca de gênero, classe e raça, como já apontado no decorrer do texto, nos levam ao termo interseccionalidade:

⁴ As teorias de Karl Marx e Max Weber acerca do conceito de classe social são distintas e buscam retratar as classes de maneiras dissemelhantes.

⁵ “Nouvelle division de la terre par les différents espèces ou races qui l’habitent”.

A interseccionalidade remete a uma teoria transdisciplinar que visa apreender a complexidade das identidades e das desigualdades sociais por intermédio de um enfoque integrado. Ela refuta o enclausuramento e a hierarquização dos grandes eixos da diferenciação social que são as categorias de sexo/gênero, classe, raça, etnicidade, idade, deficiência e orientação sexual. O enfoque interseccional vai além do simples reconhecimento da multiplicidade dos sistemas de opressão que opera a partir dessas categorias e postula sua interação na produção e na reprodução das desigualdades sociais (Bilge, 2009, p. 70 apud HIRATA, 2014).

A interseccionalidade, nesse sentido e de acordo com Crenshaw (1994), focaliza sobretudo as intersecções da raça e gênero, de forma a abordar parcialmente ou periféricamente a classe ou a sexualidade, que "podem contribuir para estruturar suas experiências (as das mulheres de cor)".

Isso posto, é possível verificar que as questões de gênero, classe e raça elucidadas corroboram na construção de uma compreensão sobre as desigualdades sociais e, a mulher negra, por ser justamente mulher e negra, quando somado o pertencer a uma classe social baixa, ou seja, de menor poder aquisitivo, é o indivíduo que está mais à margem da sociedade, pois:

De um modo geral, contudo, a supremacia masculina perpassa todas as classes sociais, estando também presente no campo da discriminação racial. Ainda que a supremacia dos ricos e brancos torne mais complexa a percepção da dominação das mulheres pelos homens, não se pode negar que a última colocada na 'ordem das bicadas' é uma mulher. Na sociedade brasileira, esta última posição é ocupada por mulheres negras e pobres. (SAFFIOTI, 1987, p. 16)

2. HERMENÊUTICA FEMINISTA

O estudo da hermenêutica, seja como teoria ou como método, tem se tornado uma constante nas ciências humanas e sociais. Nos primórdios de sua história, especialmente na área religiosa, a hermenêutica era tomada como doutrina da verdade no campo da interpretação, enquanto que, na atualidade, significa, segundo Vattimo (2002), um espaço intelectual e cultural onde não existem verdades. De fato, não nos cabe discutir acerca da posição de Vattimo, e sim, apontar que, neste estudo, o foco da hermenêutica está nos princípios que regem a teoria da interpretação, assim como em uma posição questionadora em relação às afirmações dos autores, primeiramente no que se refere às questões de

gênero, classe e raça. Nessa direção, o processo teórico está organizado a partir de Martin Heidegger (1883-1976) e das filósofas feministas, tais como Ivone Gebara e Edla Eggert.

Na metodologia de Heidegger, buscaremos, através de sua literatura, a relação que se estabelece entre o ser (enquanto existencial) e o texto. Ou seja, partimos do pressuposto que “compreender é o ser existencial do próprio poder-ser da presença de tal maneira que, em si mesma, esse ser abre e mostra a quantas anda seu próprio ser”. (HEIDEGGER, 2015 [1927], p.204-205). Assim sendo, a hermenêutica heideggeriana possibilita a concepção do processo interpretativo como abertura do interpretar que provém da posição existencial do leitor/pesquisador. Para o autor:

[...] hermenêutica e facticidade não é a que se dá entre apreensão da objetualidade e a objetualidade apreendida, à qual aquela somente teria de ajustar-se, mas o interpretar mesmo é um como possível distintivo do caráter ontológico da facticidade. A interpretação é algo cujo ser é o ser da própria vida fáctica. Se chamarmos, mesmo que impropriamente, a facticidade como a ‘objetualidade’ da hermenêutica (como as plantas são objetualidade da botânica), diremos que esta, a hermenêutica, encontra-se em sua própria objetualidade [...]. (HEIDEGGER, 2013 [1982], p.21).

Facticidade, dentro da teoria de Heidegger, nada mais é do que a vida vivida. Isto é, a interpretação do texto depende das experiências existenciais de cada pessoa. Por isso, o texto, do qual o leitor tem contato, nunca está pronto, mas sim em movimento temporário. De acordo Martin Heidegger (2013 [1982]), o que aparece de imediato não é o sentido que o autor quis dar ao texto, nem mesmo sua intenção, mas sim a intenção com a qual o leitor vai dialogar com o texto. Essas considerações heideggerianas são importantes, pois, valorizam a experiência e intenção de quem vai ler o texto⁶.

A segunda chave para realização deste texto está na hermenêutica feminista. Ivone Gebara (2000), teóloga latino-americana, em *Rompendo o Silêncio*, organiza seus estudos hermenêuticos em duas tendências do feminismo Latino-Americano, as quais são: a) O feminismo popular, que leva em consideração as questões práticas da vida cotidiana e das mulheres pobres; e o b) feminismo universitário, procura repensar as ciências humanas e sociais a partir do feminismo.

⁶ O conceito de texto, quando se trata de hermenêutica, não fica restrito ao escrito formal. A hermenêutica entende como texto tudo o que pode ser interpretado. Para saber mais: GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e Método**. v1. São Paulo: Editora Vozes, 2015

Ao ler um texto com as deduções de Gebara, o leitor deve questionar o que lê, com o objetivo de saber onde estavam as mulheres, os pobres, os negros na literatura da qual tem o homem - diga-se de passagem branco, do Norte e rico. Em vista disso, Gebara (2000) indica que uma hermenêutica feminista e Latino-Americano deve-se observar para os silêncios, assim como às expressões do cotidiano, trazendo à tona, na interpretação, a voz dos silenciados. Dessa forma, o princípio da leitura da hermenêutica de Gebara está na categoria Gênero. Nas palavras da brasileira,

[...] segundo a qual o GÊNERO não é simplesmente fato biológico de ser homem ou mulher. GÊNERO significa uma construção social, um modo de ser no mundo, um modo de ser educado/a e um modo de ser percebido/a que condiciona o ser e o agir de cada um. [...] A relação de GÊNERO foi e ainda é a construção de sujeitos históricos subjugados a outros, não só em razão da sua classe social, mas por uma construção sociocultural das relações entre homens e mulheres, entre masculino e feminino. Portanto, sexualidade é culturalizada a partir das relações de poder. (GEBARA, 2000, p.106)

Mediado pelo gênero, o leitor entende e questiona os preceitos culturais, ideológicos, históricos e sociais que envolvem as mulheres e as minorias.

Nessa mesma direção caminham os apontamentos de Edla Eggert (1999), da qual indica a interpretação de um texto, ancorado nos princípios feministas, deve basear-se em 5 princípios: a) suspeita; b) recuperação de memórias e tradições esquecidas ou colocadas à margem; c) a crítica, correção e transformação de conceito; d) o repensar o modo como o mundo acadêmico opera e; e) a autoavaliação crítica. Eggert (1999, p.24) explica esses pontos ao apontar que

A hermenêutica da suspeita começa a ler um texto com a pressuposição de que os textos estão escritos em linguagem masculina, imersos em uma cultura patriarcal, canonizados, interpretados e proclamados por homens. Não se limita apenas à crítica do androcentrismo, e, quando faz, "questiona os interesses não-articulados da interpretação bíblica que entende o homem como norma e como ser paradigmático enquanto a mulher é entendida como o Outro. [...] Entende que é preciso suspeitas de tradições perdidas e visões de liberdade ainda não percebidas pela visão tradicional. A hermenêutica da proclamação está intimamente ligada à hermenêutica da suspeita, porém ela avalia ética e politicamente o "texto" e a realidade para poder analisar a interação entre textos bíblicos patriarcais e a cultura moderna.

Em vista disso, ao utilizar a hermenêutica feminista para interpretar textos ou roteiros em formato de telenovelas, a autora busca uma interpretação que leve em consideração

os aspectos éticos e políticos da vida, buscando levantar críticas aos pré-conceitos de gênero, classe e raça presentes na cultura brasileira. Nesse sentido, vale indicar que a análise não estará afastada da história e das experiências existenciais da autora, e sim fazendo parte das considerações.

3. ANÁLISE E CRÍTICA AO OBJETO

Constantemente presenciamos a aplicação dos estereótipos da mulher negra nas telenovelas; telenovelas essas que ocupam o horário nobre da televisão brasileira e possuem preferência da audiência àquelas produzidas e exibidas pela rede globo - considerada a maior emissora nacional. Dentre inúmeros papéis disponíveis para atuação, predomina a falta de oportunidade para a representatividade de mulheres negras em personagens que não estejam envoltos em ambientes de violência, subordinação ou, então, em que há destaque dos aspectos sexuais, que reiteram os preconceitos já bastante difundidos na sociedade brasileira.

De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) Contínua Trimestral do SIDRA (2020), dos 210,869 milhões de habitantes do Brasil, 18,235 milhões se declaram negros e 98,766 consideram-se pardos. O IBGE, por sua vez, considera negros a junção dos pretos e pardos⁷, que correspondem, cruzando os dados acima, a aproximadamente, 55% da população total. Levando em consideração uma pesquisa do GEEMA sobre a trama de 101 novelas da rede globo entre 1994 e 2014, apenas 10% das personagens são representadas por pessoas negras, dentre os quais, somente 4% dos papéis para protagonistas são interpretados por mulheres negras.

O racismo nas telenovelas brasileiras é exposto nas televisões desde seu surgimento. Uma das primeiras telenovelas exibidas pela rede globo foi “A Cabana do Pai Tomás”, adaptada do romance “Uncle Tom's Cabin”⁸ de Harriet Beecher Stowe e veiculada nos anos de 1969 e 1970, traz, em sua sinopse, a história de uma família que lutava contra a escravidão nos Estados Unidos. O maior símbolo racista presente nesta

⁷ É apresentado a palavra pardo levando em consideração o que o IBGE, principal provedor de informações geográficas e estatísticas do Brasil expõe. Isso não exprime, necessariamente, a concepção do termo pela perspectiva dos autores.

⁸ Importante ressaltar que nos EUA, o nome do romance “Uncle Tom” se tornou um termo pejorativo de chamar uma pessoa negra, como o livro contava a história de um escravo idoso que foi espancado até a morte por seu “dono” ao se negar prestar um serviço, o termo era utilizado para chamar uma pessoa negra da qual era gentil, leal ou servil ao homem branco.

telenovela foi a escolha de um ator branco, Sérgio Cardoso, para interpretar uma personagem negra na trama. Esse ato trouxe à tona o termo “*blackface*”, o qual faz referência a uma prática existente há mais de 200 anos, em que atores brancos colorem seus corpos com uma tinta escura para representar personagens negros.

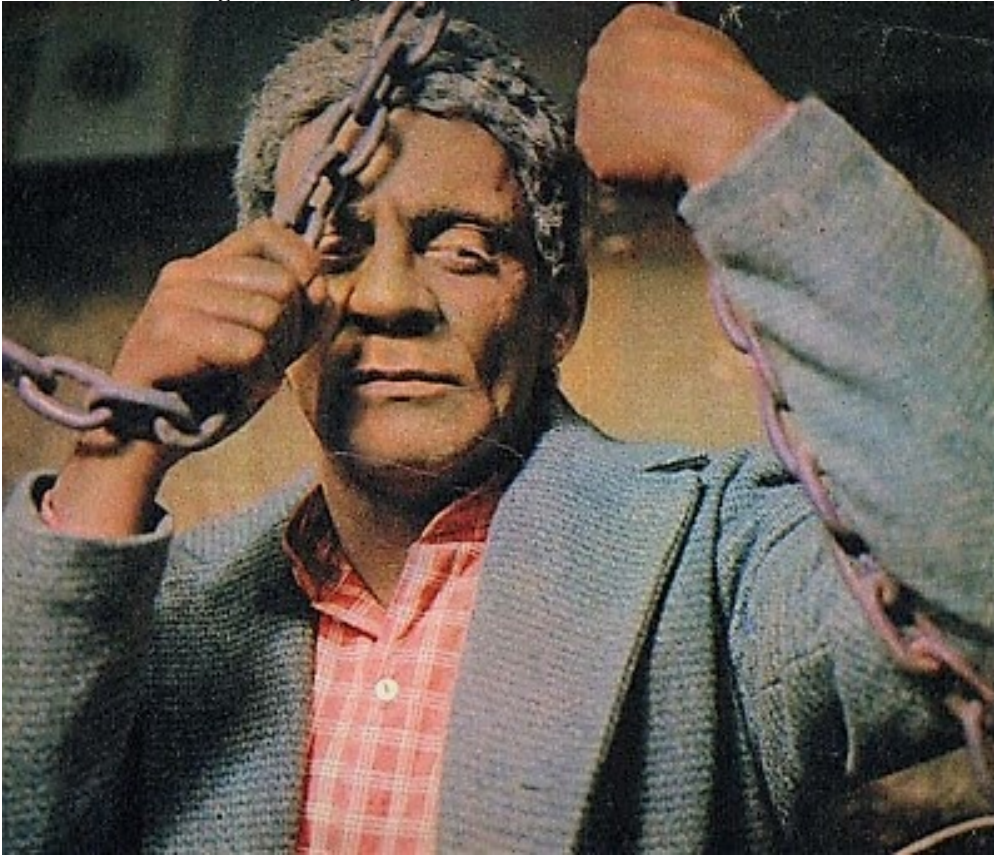
Figura 1 - Ator Sérgio Cardoso



Fonte: TV História (2018)

Conforme imagem sobreposta, Sérgio Cardoso possuía traços e características ditas como de um homem branco que, em seu papel na telenovela “A Cabana do Pai Tomás” como protagonista pai Tomás, pintavam-lhe seu rosto e partes do corpo de preto. Além disso, fazia uso de peruca de cabelo crespo e colocavam rolhas em suas narinas para alargá-las com o objetivo de remeter as características de um homem negro, como podemos verificar na figura 2.

Figura 2 - Sérgio Cardoso em “A Cabana do Pai Tomás”



Fonte: História Mundi (2018)

Ainda nesta telenovela, a atriz Ruth de Souza, com o papel da mulher de Tomás, representa a primeira mulher negra a estrelar em uma telenovela brasileira. A personagem Chloe, também escrava, tornou-se um marco para a história do cinema e da televisão e abriu portas para mais atrizes afrodescendentes. Contudo, também reforçou os estereótipos racistas nas escolhas dos papéis para atuações de mulheres negras.

Outra telenovela que se tornou marco para a história da televisão brasileira, foi “Xica da Silva”. Veiculada na rede manchete de 1996 a 1997, Xica da Silva contava a história de uma escrava que se tornou rainha durante o século XVIII. Xica da Silva foi protagonizada por Taís Araújo, com apenas 17 anos de idade na época, e estreou como a primeira protagonista negra da teledramaturgia nacional. Em sua atuação, em que ainda era menor, foi extremamente sexualizada e vivenciou, como personagem da trama, cenas de violência, nudez e estupro, como mostram na figura 3 e 4 a seguir:

Figura 3 - Cena da Xica Silva sendo abusada pelo Sargento Mor



Fonte: Vídeo no Youtube⁹

Figura 4 - Cena Xica da Silva com o Contratador



Fonte: Vídeo no Youtube¹⁰

⁹ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=hqj0Lns9X2g>>

¹⁰ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=4LWo0RAN6VQ>>

Ademais, a telenovela *Xica da Silva* possui cenas fortes quando tratava-se da representação das mulheres negras na história, vistas apenas como servas da supremacia dos brancos e ricos, assim como Gebara (2000) indica na hermenêutica feminista e é possível identificar as expressões dos silenciados na categoria de gênero.

Mais à frente, além de Taís Araújo ter sido a primeira protagonista negra de uma telenovela no Brasil com o papel da *Xica da Silva*, ela foi a primeira protagonista negra da rede Globo com o papel de Preta na telenovela “*Da Cor do Pecado*”¹¹ de 2004, ainda estereotipada por ser uma personagem da periferia com a imagem de mulher negra batalhadora. Em uma entrevista para o Uol em 2016, Taís Araújo afirmou: “Falta representação negra, ainda mais se a gente for colocar quantos somos e quanto estamos na TV. Essa representatividade quase não existe. O que melhorou é a qualidade dos personagens. Antes eram só personagens que ficavam à margem, e hoje em dia não, somos importantes dentro de todas as tramas. Mas a gente quer mais. Na verdade, o que falta na televisão é nossa história ser contada por nós, e não outras pessoas. Enquanto não tivermos atores negros, diretores negros, a gente sempre vai estar aquém do que a gente poderia.”

Isto posto, ansiamos que esses estereótipos e a falta de representatividade das mulheres negras nas telenovelas, depois de tantas experiências, sejam destruídos. No entanto, recentemente, o ministério do trabalho precisou notificar a telenovela “*Segundo Sol*” pela falta de representatividade de artistas negros no elenco da telenovela e uma readequação no roteiro foi necessária para que a notificação fosse retirada. Isso nos leva a refletir que a luta por maior representação na mídia ainda está em grande processo de desenvolvimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa se propôs a analisar breve e individualmente os conceitos de gênero, classe e raça a fim de lançar uma compreensão de como eles são definidos e construídos em nossa sociedade. Na análise houve averiguação dos primórdios da história do Brasil, onde a escravidão serviu como objeto facilitador para o início das desigualdades acerca

¹¹ “*Da Cor do Pecado*” já se refere a uma expressão racista, pois, o termo propaga a ideia da época da escravidão onde o corpo negro era sexualizado e atribuído a cor de pele, devido ao fato dos senhores cometerem atos sexuais com as escravas.

do gênero, classe e raça do ser humano. Dessa forma, foi analisado dentro da categoria de gênero o conceito de homem e mulher com a finalidade de entendermos como a sociedade dialoga de maneira distinta sobre cada um, mostrando a problemática da inferiorização da mulher. Apresenta-se também duas teorias distintas acerca do conceito de classe social para entendermos como as desigualdades sociais são geradas e estipuladas. E, por fim, apresentamos o conceito de raça para entendermos como fisicamente temos características que nos colocam em um determinado grupo de pessoas dentro da sociedade, que irá nos diferenciar e, assim, nos categorizar para sermos reconhecidos de determinado grupo. Todos esses conceitos nos levam ao termo interseccionalidade que reconhece os múltiplos sistemas de opressão acerca do gênero, classe e raça.

A hermenêutica feminista auxilia como objeto de estudo para compreendermos a perspectiva em que o leitor vai dialogar com um texto para interpretá-lo, levando em consideração os aspectos da vida e verificando os pré-conceitos de gênero, classe e raça presentes na cultura brasileira, observando a voz dos silenciados, aqueles dos quais não tinham voz nos textos arcaicos.

Em suma, todos esses saberes nos levam a fundamentar a tese acerca dos estereótipos da mulher negra nas telenovelas brasileiras. Assim, foram exploradas duas telenovelas, “A Cabana do Pai Tomás” e “Xica da Silva”. Duas telenovelas tidas como marcos históricos do nosso país, bem como a elucidação de outros informes relevantes para o estudo acerca do racismo empregado na mídia, tanto no passado quanto no presente.

Portanto, visto ao que foi empregado, podemos constatar que estamos distantes do que é necessário para maior representatividade das mulheres negras nas telenovelas; o número de atuações ainda não é proporcional ao coeficiente negro no nosso país e a diversidade cultural nas telenovelas é escassa. Por fim, o presente artigo teve como seu maior objetivo abrir mais espaço para discussão a respeito do tema que ainda é tão pouco comentado.

REFERÊNCIAS

Anúncio Antigo 59: a novela “A Cabana do Pai Tomás”. História Mundi, 2018. Disponível em <<http://histormundi.blogspot.com/2018/12/anuncio-antigo-59-novela-cabana-do-pai.html>>. Acesso em 6 de novembro de 2020.

AXXCEXX. **Xica Da Silva Cap 45/1**. 2007. (1m56s). Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=4LWo0RAN6VQ>>. Acesso em 6, novembro de 2020.

BARATA, ET AL. **Classe social: conceitos e esquemas operacionais em pesquisa em saúde**. Revista Saúde Pública, São Paulo, vol.47 n.4, 2013. Disponível em:
<https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102013000400647&lng=pt&nrm=iso#B14>. Acesso em 31 de outubro de 2020.

CAMPOS, Luiz Augusto.; CANDIDO, Márcia R. JR, João F. **A Raça e o Gênero nas Novelas dos Últimos 20 Anos**. Disponível em:
<<http://gemaa.iesp.uerj.br/infografico/infografico3/>> . Acesso 02, novembro de 2020.

EGGERT, Edla. **A mulher e a educação: possibilidade de uma releitura criativa a partir da hermenêutica feminista**. In: Estudos Leopoldenses, v.3, no5, 1999, p.19-27.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. 2ª ed. 18. Impressão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

GEBARA, Ivone. **Rompendo o silêncio: Uma fenomenologia feminista do mal**. São Paulo: Editora Vozes, 2000.

HEIDEGGER, Martin. **Ontologia**. Belo Horizonte: Editora Vozes, 2013.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Belo Horizonte: Editora Vozes, 2015.

HOMEM. In: **MICHAELIS**. Editora Melhoramentos, 2020. Disponível em:
<<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/homem>>. Acesso em 31 de outubro de 2020.

HIRATA, Helena. **Gênero, classe e raça Interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais**. Tempo Social Revista de Sociologia da USP, São Paulo, v. 26, n. 1, 2014. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/ts/v26n1/05.pdf>>. Acesso em 31 de outubro de 2020.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo demográfico 2010 [Internet]. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/>>. Acesso 02, novembro de 2020.

LOPES, Fernanda. **Vinte anos após Xica da Silva, Taís Araujo faz autocrítica: “Era tão verde”**. Uol, 2016. Disponível em
<<https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/novelas/vinte-anos-apos-xica-da-silva-tais-araujo-faz-autocritica-era-muito-verde-12492>>. Acesso em 6, novembro de 2020.

MULHER. In: **MICHAELIS**. Editora Melhoramentos, 2020. Disponível em:
<<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/mulher>>. Acesso em 31, outubro de 2020

NINA, Carlos Homero Vieira. **Escravidão, ontem e hoje: aspectos jurídicos e econômicos**. Brasília: ISBN, 2010

SCOTT, Joan. **Gênero: uma Categoria Útil de Análise Histórica.** Educação e Realidade. 20 (2), p.86, 1995.

SANTOS, ET AL. **Raça versus etnia: diferenciar para melhor aplicar.** Dental Press J. Orthod, Maringá, vol.15 no.3, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-94512010000300015&lang=en>. Acesso em 31, outubro de 2020

IBGE. Sistema IBGE de Recuperação Automática. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua trimestral. Tabela 6403 - População, por cor ou raça 2020. Disponível em: <<https://sidra.ibge.gov.br/tabela/6403>>. Acesso 02, de novembro de 2020.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **O Poder do Macho.** Editora Moderna, 2010, p. 16.

SECCO, Duh. **Há 46 anos, estreava novela da Globo marcada por morte do protagonista.** TV História, 2018. Disponível em <<https://tvhistoria.com.br/ha-46-anos-estreava-novela-da-globo-marcada-por-morte-do-protagonista/>>. Acesso em 6 de novembro de 2020.

TV TIAGO LEONARDO. **Cena Xica da Silva Xica é abusada pelo Sargento Mor.** 2018. (2m15s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=hqj0Lns9X2g>>. Acesso em 6 de novembro de 2020.

VATTIMO, G. **O fim da modernidade: niilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna.** São Paulo: Martins Fontes, 2002.